

MANIFESTO 8 DE MARÇO 2019

FRENTE À BARBARIE, LUTA FEMINISTA

O movimento feminista fez história mais uma vez! Mais uma vez paramos o mundo para gritar bem alto contra todas as discriminações e violências que sofremos como mulheres todos os dias em todas as partes!

Nós mulheres somos diversas, mas compartilamos a luta pelos direitos de todas, e todas juntas, as que estamos aqui e as que não podem estar, dizemos não a barbárie machista, racista, capitalista e colonialista.

Nós mulheres somos fonte de vida, não apenas quando parimos, também quando diariamente cuidamos das pessoas. Hoje fazemos greves de cuidados porque este trabalho continua sendo invisibilizado e desprezado. É hora de por os cuidados no centro da sociedade. Nós mulheres não podemos continuar com esta carga, exigimos a corresponsabilidade em nossas casas e exigimos plenos direitos de cidadania, e o direito a cuidar e sermos cuidadas.

Queremos denunciar as condições de exploração e escravidão das mulheres em todo o mundo, as quais trabalham em condições de exploração, e construir estratégias de consumo alternativas que ajudem a criar um mundo social e de trabalho mais justo, mais respeitoso com o meio ambiente e com a vida das pessoas. Temos um papel primordial no sustento da vida, na luta contra o cambio climático e na preservação da biodiversidade. Gritamos bem alto contra o neoliberalismo selvagem que se impõe como pensamento único a nível mundial, que destrói nosso planeta e nossas vidas. Hoje fazemos greve de consumo contra um sistema injusto.

Nós mulheres sofremos discriminações e violências no trabalho. Diferenças de gênero: nos salários e nas aposentadorias. Há setores com condições inadmissíveis: as trabalhadoras de limpeza de hotéis ou as domésticas. Já basta! Exigimos trabalhos e salários dignos; a derrogação das reformas laborais, de aposentadoria e do trabalho interno, que escraviza a mulheres migrantes. Exigimos autorizações por nascimento iguais e intransferíveis; uma lei efetiva de igualdade salarial; a ratificação do Convênio 189 da OIT; medidas para erradicar o assédio sexual e por razão de sexo, e que as mulheres com diversidade funcional tenham um tratamento real e efetivo de inserção social e no mercado de trabalho. Porque não queremos nenhuma discriminação nem violência em nosso ambiente de trabalho, porque queremos um trabalho com salários e condições dignas!

Denunciamos que ser mulher é a principal causa de pobreza. A precariedade que afeta as mulheres, que tão generosamente cuidam do mundo, é agravada por ter mais idade, ser lésbica, ser migrante, pela orientação sexual, pela raça, por ter diversidade funcional ou uma imagem que não está dentro da normatividade. A pobreza é degradante. Não apenas afeta o corpo, destrói também a dignidade e a esperança, e empurram à exclusão. Exigimos também a aposentadoria que merecemos: o tempo dedicado a tarefas de cuidado deve ser reconhecido nos cálculos da previdência.

Fizemos greve na Educação porque exigimos uma formação emancipatória para todos os seres humanos. Queremos uma educação que não invisibilize as mulheres, uma educação em valores, na qual a coeducação e a educação afetivo-sexual formem pessoas iguais em direitos e

respeito, sem estereótipos de gênero nem dogmas misóginos. Uma educação pública, laica e feminista, livre de valores heteropatriarcais.

Hoje paramos porque param as violências contra as mulheres, violências que sofremos em todos os espaços e em todos os âmbitos apenas pelo fato de sermos mulheres. Basta de feminicídios, de nos assassinarem!

Basta de uma justiça patriarcal que nos condena a sermos duplamente vítimas!

Basta de violentarem nossos corpos, basta de uma aliança criminal entre o patriarcado e o capital, que nos quer empobrecidas, dóceis, caladas e submissas, e que colocam preço aos corpos das mulheres!

Exigimos leis que contemplem todas as formas de violência contra as mulheres, assim como a formação obrigatória em perspectiva de gênero para o poder judicial, para a força de segurança e o corpo administrativo. Exigimos que os feminicídios sejam problema de estado e que os pactos integrais contra a violência de gênero tenham os recursos suficientes e que sejam cumpridos integralmente.

Nós, mulheres imigrantes, também fazemos greve. Exigimos que se reconheça a contribuição econômica, social e cultural que fazemos para esta sociedade, exigimos que nossa voz seja escutada.

Denunciamos a lei de imigração e seu racismo institucional, exigimos o fechamento imediato dos CIES!

Denunciamos que a União Europeia não assuma suas obrigações, dificultando o acesso ao refúgio e violando os Direitos Humanos.

Denunciamos o colonialismo traduzido na contínua exploração dos recursos naturais ameaçados pelo capitalismo extrativista em nossos países de origem. Denunciamos a perseguição que sofrem as mulheres ao defender seus direitos em todo o mundo: Colômbia, Nicarágua, Nigéria, Arábia Saudita, Indonésia ou Paquistão!

Tanto aqui como mais para lá das fronteiras se constroem discursos políticos xenofóbicos, racistas e homofóbicos que questionam os direitos conseguidos pelas mulheres.

Basta de exploração das mulheres migrantes!

Aos que protagonizam esta onda reacionária e patriarcal, as mulheres respondemos com este tsunami feminista. Nem um passo atrás em nossos direitos!!!

Companheira, lembremos que o 8 de março é todos os dias! O caminho é largo e as mobilizações continuam! Busquemos as assembleias de nossas cidades, de nossos bairros, façamos outras novas, juntemos-nos, defendamos-nos; lutemos e cuidemos-nos!

Ante à barbárie machista e racista, a luta feminista!

Juntas somos imparáveis! Viva, viva, viva a luta feminista!